

Algumas reflexões sobre *habitus conservatorial* e as adaptações para o ensino de instrumento musical para a pessoa com deficiência

Mayara de Brito Ferreira
Universidade Federal da Paraíba
mayara.brito1@gmail.com

Luceni Caetano da Silva
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
lucenicaetano@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este trabalho pretende fazer um relato de experiência do ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência, buscando trazer algumas reflexões sobre o conceito de *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2014) e o ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência. Esta relação é refletida pela busca de quebras de paradigmas no ensino de instrumento musical tradicional e o ensino de instrumento para pessoas com deficiência, e a busca por adaptações pedagógicas para estes estudantes. As aulas de instrumento musical para pessoas com deficiência ocorrem na Escola Especial de Música Juarez Johnson na cidade de João Pessoa-PB. Para este relato foram elencados três pontos a serem discutidos através da busca de paradigmas que sejam adaptados para o ensino de instrumento musical para pessoa com deficiência: a postura convencional, a adaptação no repertório musical e o foco no aluno deficiente no ensino musical.

Palavras chave: ensino de música para pessoas com deficiência, *habitus conservatorial*, ensino de instrumento musical adaptado.

Introdução

Este trabalho pretende fazer um relato de experiência do ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência, buscando trazer algumas reflexões sobre o conceito de *habitus conservatorial* (PEREIRA, 2014) e o ensino de instrumento musical para pessoas com

deficiência. Esta relação é refletida pela busca de quebras de paradigmas no ensino de instrumento musical tradicional e o ensino de instrumento para pessoas com deficiência, e a busca por adaptações pedagógicas para estes estudantes.

A proposta deste relato é rever certos parâmetros que estão vinculados ao ensino de instrumento e que foram vivenciados pela autora através de suas experiências pedagógicas no ensino de música para pessoas com deficiência. Este relato pode ser encarado como um despir profissional, onde esta professora coloca alguns confrontos quanto a prática de ensino especial e algumas reflexões sobre este ensino. O texto faz uma discussão com alguns autores sobre o ensino de música para pessoas com deficiência, o *habitus conservatorial*, e as adaptações para o ensino de música especial.

As aulas de instrumento musical ocorrem na Escola Especial de Música Juarez Johnson na cidade de João Pessoa-PB. E para este breve relato foram elencados três pontos que estão vinculados a quebra de paradigmas do ensino tradicional de instrumento musical e as adaptações para o ensino para pessoas com deficiências: 1-Adaptação da postura convencional; 2- Adaptação no repertório musical ; 3-Significado do aprendizado musical para os alunos, foco no aluno.

Desde 2013 venho atuando na Escola Especial de Música Juarez Johnson (EEMJJ) como professora de violoncelo para alunos com deficiência. A escola está voltada exclusivamente para estudantes com necessidades especiais (ou deficiência), e de diversas categorias, e possui ensino de violoncelo, violino, piano, e a partir do ano de 2016 aulas de musicalização foram acrescentadas. Além dos professores de música, a escola conta atualmente com dois profissionais de apoio, uma fisioterapeuta e uma enfermeira.

Durante minha atuação nesta escola pude dar aulas para alunos com diferenciados diagnósticos e diversas necessidades especiais como: deficiência visual, deficiência auditiva, deficiência mental, TDHA (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade), Síndrome de *Down*, Síndrome de *Charge*, Síndrome de *Asperger*, Autismos. Dentre estas os de maior quantidade foram os com Síndrome de Down, Autismos e deficiência mental leve. A faixa etária

dos alunos é composta na maioria por jovens adultos, por volta de 20 anos de idade, no entanto uma média geral de idade dos alunos que já passaram pelas aulas de violoncelo que foi entre 10 e 30 anos.

Além disso, algumas deficiências vêm acompanhadas de outras necessidades especiais, o que diferenciaria ainda mais cada aluno com características particulares; como por exemplo, dislexia, falta de coordenação motora, dedos e músculos das mãos rígidos ou flácidos, dedos curtos, alguns não são alfabetizados, agressividade, irritabilidade, má dicção ou sem comunicação verbal, surdez parcial, problemas de visão, e outros. Com isso, percebi que o professor precisa conhecer bem o aluno para desenvolver atividades que estejam adequadas às necessidades específicas do mesmo, que abarcaria não apenas sua deficiência, mas seu jeito e as características individuais.

A escola foi fundada inicialmente com o intuito de proporcionar o ensino de instrumento musical para alunos com deficiência, o qual era excluído das Escolas de Música, e disponibilizar o ensino de música para alunos que seriam vistos como “incapazes” nos parâmetros das escolas de músicas tradicionais. Apesar de ser uma escola específica para o ensino de música para pessoas com deficiência, a inclusão nesta escola está caracterizada pelo tipo de abordagem do ensino de música que é feito, e por fornecer um ensino de música que muitas vezes é inacessível nas instituições. As aulas de instrumento musical na escola são individuais, e possui a duração de 30 minutos, sendo duas vezes na semana, ou seja, 1 hora por semana. Além disso, existem práticas em grupo de acordo com as necessidades e interesses do aluno e do professor.

Desde que comecei a dar aulas de violoncelo na EEMJJ, sem nenhuma experiência anterior ligada a Educação Especial e ao ensino de música para pessoas com deficiência, me questionava sobre metodologias e processos de ensino vinculados a este contexto específico, e sobre o tipo de trabalho que pudesse trazer um ensino musical significativo para estes alunos. Apesar de ter feito o curso de Licenciatura em Música, durante o curso tive pouco contato com o tema nas disciplinas e me sentia pouco preparada para este ensino tão particular. A partir daí tentei buscar mais conhecimento com leituras relacionadas ao tema, tanto sobre educação

especial quanto as deficiências e síndromes, e além disso as trocas de experiências e conversas com os colegas que trabalhavam eram frequentes o que nos traziam discussões e reflexões sobre o tipo de ensino que gostaríamos de propor. O meu interesse foi crescendo, e fui percebendo a relevância da discussão sobre o tema de ensino de música para pessoas com deficiência, que culminou no meu tema de pesquisa de mestrado em Música ao qual curso atualmente.

Ensino de música para pessoas com deficiência e *habitus conservatorial*

O estigma do fazer musical ligado ao aprendizado do instrumento está ainda presente no contexto musical, e relacionar esta ideia com o aprendizado e inclusão de pessoas com deficiência se relaciona com o pensamento de incapacidade e dificuldade quanto ao acesso e disponibilidade deste ensino para as pessoas com deficiência. Por outro lado, é crescente vermos pessoas defendendo a ideia de que a música é importante para o desenvolvimento do ser humano, independente da relação que é mantida com ela.

A música pode representar para as crianças portadoras de necessidades especiais, um mundo com o qual elas podem se comunicar, se associar e se conhecer, além de oferecer oportunidades para a criança com deficiência ampliar os limites físicos ou mentais que possui. As atividades musicais podem contribuir e ajudar para despertar a consciência perceptiva, auditiva e do controle motor. Além disso, as atividades musicais podem favorecer a integração social e emocional da criança, em suas relações com o meio em que vive e sobre si mesma (JOLY, 2003).

Louro (2005a) comenta que a música não deve ser um privilégio de poucos. Mas seria somente questão de respeitar as possibilidades de cada um e adaptar tal fazer para aqueles que possuem dificuldades acentuadas.

Portanto, cabe a nós educadores entre outros profissionais envolvidos com as pessoas com deficiências quebrar os pré-conceitos que existem em relação a esse assunto. E isso só pode ser alcançado com o fornecimento de informações

suficientes que façam com que os tabus sejam dissolvidos e os estereótipos derrubados (LOURO, 2005a, p. 6).

O conhecimento que o professor tem acerca do estudante resultaria em uma maior adequação de suas propostas de ensino, como também ele se sentiria mais seguro para promover o desenvolvimento dos alunos. Assim, um dos pontos importantes para o professor que trabalha com educação especial seria a de conhecer muito bem as limitações e dificuldades de cada um dos alunos e suas possibilidades de desenvolvimento.

Esse conhecimento pode ser consequência de um processo constante de leituras específicas sobre as características dos alunos, entrevistas e conversas com pais, professores, coordenadores, diretores e outros profissionais que componham as equipes de trabalho das escolas que as crianças frequentam. No entanto, o que me parece mais importante é o conhecimento gerado por meio de uma observação profunda dos alunos e de uma interação de afeto e respeito, considerando sempre as possibilidades de cada um (JOLY, 2003, p.1).

Dentro da perspectiva da educação, e principalmente da educação especial, cada indivíduo é um universo particular e único, que deveria ser estudado e respeitado pelo professor, buscando assim entender as dificuldades e possibilidades de cada um para depois propor metas e propostas que se adequem a cada universo desse. O ensino de música nas últimas décadas vem sendo continuamente repensando e pesquisado. Os estudos da educação musical vêm sendo então cada vez mais vinculados a abordagem social da música, e a partir dessa abordagem foi-se pensando em diferenciados ensinamentos de música.

As práticas musicais, e de ensino de música, tenderam a seguir os principais conceitos que se vinculam às ciências sociais e que relacionam o ensino de música ao contexto social inserido. Arroyo (2002, 2000) trata sobre a abordagem sociocultural da Educação Musical na contemporaneidade, e explana que o tema traz uma reflexão acerca das práticas musicais relacionadas ao que nossos alunos trazem ou do que a sociedade demanda de nós educadores musicais. Na abordagem sociocultural toda prática musical perpassa todos os espaços sociais, e a educação musical ocorre em diversos contextos, grupos sociais e culturais, pretendendo

assim uma postura mais relativizada tendo em vista os diferentes contextos sociais e culturais em que a educação musical é praticada.

Apesar da diversidade e da abordagem social do ensino da música estar sendo bastante estudada e pesquisada nas ultimas décadas, este ensino ainda vem sendo permeado por práticas tradicionais e que se disseminam através de *habitus* educacionais musicais. Pereira (2014) explana do “modelo conservatorial”, ou forma conservatorial, nas práticas da educação musical. Através desta perspectiva de “modelo conservatorial”, o autor discute sobre a noção de *habitus conservatorial*, relacionando a ideia de *habitus* de Bourdieu (1930) com o ensino de música.

A concepção de *habitus conservatorial*, refletiva por Pereira (2014) está relacionada intrinsecamente a ideia escolástica de Bourdieu sobre *habitus*. Este pensamento concebia o *habitus* como um *modus operandi*, ou seja, como uma forma fixa de se operar numa determinada direção, e que através da repetição criava-se, assim, uma certa inerência entre sujeito e objeto no sentido de que o hábito se tornava uma segunda dimensão do homem. Os atores sociais deste *habitus*, seriam produtores e reprodutores dessas ações e de suas obras, do *modus operandis*, do qual não possuem o domínio consciente (ORTIZ, 1983; PEREIRA, 2014).

Assim, o *habitus conservatorial* no ensino de música se remete a um ensino ligado ao passado, que é legitimado em certo sentido e que se propaga e dissemina de forma inconsciente, sem reflexão, na sociedade. O currículo de uma escola, ou a metodologia de um professor, que é orientado pelo *habitus conservatorial* faz da música erudita e do ensino conservatorial suas referências, privilegiando e trabalhando apenas com seus significados próprios. Dessa forma, privilegiaria apenas um aspecto da prática social da música, o que atribuiria ao ensino da música um caráter parcial e limitado.

Percebe-se, portanto, a existência de uma ideologia musical que alimenta, legitima e naturaliza estas práticas. Esta ideologia musical acaba por conceber a música e as experiências musicais como fragmentadas e dissociadas de seu caráter social, negando assim a historicidades e mutabilidade da música.

Contudo, adaptar o fazer musical para pessoas com deficiência seria algo possível em diversos níveis, incluindo o ensino de instrumento. Com isso, Louro (2005b) descreve que é preciso buscar adaptações pedagógicas e de acessibilidades para os estudantes que possuem necessidades especiais e assim poder disponibilizar um maior acesso do aprendizado musical para estas pessoas. Um exemplo destas adaptações seria a Tecnologia Assistiva e as Adaptações Pedagógicas (LOURO, 2005b, p. 4). Estas adaptações são discutidas no texto tanto para o ensino de música de uma forma mais abrangente como para o ensino de instrumento, por isso vale a pena citar alguns desses pontos nesta discussão de ensino de instrumento para pessoas com deficiências.

As Adaptações Pedagógicas para o ensino de música para pessoas com deficiência estariam relacionadas às propostas de ensino para os alunos abarcando a diversidade física, intelectual, cultural e psicológica que estes alunos possuem. Estas adaptações estariam comprometidas com os objetivos a que se propõe o sistema educacional, mas também em conjunto com as necessidades e características do aluno. A autora cita alguns exemplos: a) Adaptações de Acesso ao Currículo; b) Adaptações de Objetivos e de Conteúdos; c) Adaptação do Método de Ensino e do Material; d) Movimentos compensatórios; e) Alterações musicais; f) Arranjos musicais; g) Alteração técnico-musical. (LOURO, 2005b, p. 7- 8).

Por que a relação do *habitus conservatorial* com o ensino de instrumento musical para pessoas com deficiência?

A relação do *habitus*, e do *habitus conservatorial*, com o ensino de música para pessoas com deficiência e meu relato de experiência, parte do ponto em que a partir de minha vivência das aulas de violoncelo na EEMJJ pude obter reflexões que me fizeram buscar mudanças para questões que estavam enraizadas em minha prática. Estas mudanças foram pensadas em prol de proporcionar um ensino de instrumento que fosse mais significativo para o aluno, e que estivesse adequado aos objetivos que as aulas de violoncelo dentro da escola se propõem em consonância com os objetivos das aulas para os alunos com deficiência. Mais uma vez vale

ressaltar que os objetivos das aulas para cada aluno acabam sendo específicos, pois o lugar onde se quer chegar (os resultados) com cada um é diversificado.

Para este texto elenquei algumas questões que durante minha prática na escola foram repensadas a partir de um ensino mais inclusivo e adaptado as necessidades especiais dos alunos.

1- Adaptação da postura convencional:

Ao chegar à EEMJJ uma das primeiras propostas que a ex-coordenadora me falou para exigir dos alunos foi “uma boa postura”. Logo no início, eu entendi como “uma busca pela postura convencional de se tocar”. Como minha formação inicial de música e de instrumento musical foi em Conservatório, onde existe uma prática mais formal vinculada à partitura e a formação do músico de orquestra e solista, e também minha graduação em Música foi com foco no instrumento ¹, este parâmetro não me pareceu estranho, e busquei alcançar estes objetivos com os alunos. No entanto, com o passar do tempo, e de acordo com as práticas de ensino com cada aluno fui percebendo que não era fácil conseguir este mesmo objetivo com todos os alunos. Foi preciso fazer algumas adaptações na forma de sentar, segurar o arco, colocar a mão esquerda no braço do espelho do violoncelo para se alcançar a prática musical. O objetivo não era os fazer tocar “de uma forma convencional”, mas que eles pudessem usar uma postura que os fizessem ser capazes de produzir um som que lhes proporcionassem uma prática musical. Estas adaptações foram necessárias pois nem sempre os alunos tem as condições favoráveis a se chegar a um postura que seria convencional de se tocar para todos. Contudo, isso não quer dizer que em minha prática como professora lá na escola esta postura não seja almejada, mas o que acontece é a busca por outras possibilidades que se adequem as necessidades do aluno.

2- Adaptação no repertório musical:

¹ A licenciatura em Música na UFPB é caracterizada pela formação do professor, instrumentista e pesquisador.

Outro ponto de adaptação que foi repensado em minha prática com os alunos foi a exigência quanto a formalidade do repertório musical, ou seja, propostas de alterações musicais e arranjos. O que seria isso? No fazer musical adaptado pequenas alterações são necessárias para que o aluno possa executar a música de forma a atender suas necessidades. São feitas discretas mudanças na forma de tocar a música, como a transposição da altura das notas, omissão de algumas notas de passagem, pequenas alterações rítmicas. No início de minha prática na escola, insistia para que os alunos tocassem o máximo como a música “é”, passando um longo período de tempo em uma música até que ela fosse tocada com seu ritmo certo ou com a sequência de notas propostas, fazendo um ensino cansativo e repetitivo, onde as vezes os resultados não eram conseguidos. Foi apenas questão de adaptar as músicas as necessidades dos alunos para que eles pudessem ter práticas musicais significativas, adaptando as músicas ao seu desenvolvimento e objetivos.

3- Significado do aprendizado para os alunos, foco no aluno:

Ao ensinar o instrumento musical para pessoas com deficiência, houve momentos em que eu ficava muito focada nos meus objetivos, quais objetivos eu propus para aquele aluno alcançar. Com o tempo na escola fui percebendo que alguns parâmetros precisavam ser mais flexíveis e que certos parâmetros que criei estava ligado a minha formação conservatorial e de instrumentista. Um exemplo dessa perspectiva de ver o ensino através do significado do aprendizado musical da perspectiva do aluno, veio quando estávamos preparando uma apresentação de final de semestre, onde os alunos iriam se apresentar em público, o qual fazemos todos os semestres na EEMJJ, e havia um aluno que “em meus critérios” não estava tão bem preparado para tocar, achava que sua música não estava preparada e não seria bom para ele tocar em público. Então sua mãe veio até mim e falou: “acho que ele deveria tocar assim mesmo, será importante para ele tocar, ele vai gostar muito”, então eu resolvi acolher a proposta da mãe, mas sem muitas expectativas. Após a apresentação eu fiquei impressionada com o sentimento de autoestima e valorização que o aluno sentiu ao estar ali tocando para as

peessoas, assim como sua mãe que me disse que estava orgulhosa por seu filho estar tocando. Esse estar tocando, indiferente de como se caracteriza, possui valores e significados que vão além de uma primazia musical. E que o professor de música precisa ter um olhar mais aberto, para perceber as nuances que trabalhar com o ser humano acarreta. Isto não significa aceitar qualquer coisa, que algo seja feito sem qualidade ou sem compromisso, mas visualizar que o ensino inclusivo precisa ser flexível e que o professor precisa estar atento às necessidades e desejos dos alunos. Percebi que a educação inclusiva é vislumbrar um ensino que vai além da prática musical, mas que o fazer musical acompanha um fator social. Não pretendo fazer um discurso romantizado sobre a educação especial, o ensino para a pessoa com deficiência lida com particularidades que não se pode comparar ao ensino tradicional, e a afetividade e os significados que o aprendizado musical acarreta para eles é diverso e até diferenciado do que pode ser para os considerados “comuns”, como também pode sim ter similaridades com o ensino de música comum a todos.

Conclusão

Quando se pensa em ensino de instrumento e educação inclusiva ainda existem muitas barreiras que impossibilitam a contemplação desse ensino para pessoas com deficiência, e geralmente as discussões que se remetem ao ensino de música não abrangem tanto o ensino de instrumento musical. Se no ensino de instrumento musical tradicional estigmas e dogmas quanto a talento, a busca pelo virtuosismo, o eurocentrismo, estão impregnados nestas práticas, como usar este tipo de conhecimento musical para a inclusão das pessoas com deficiência? Não é fácil.

Cada vez mais a diversidade e a inclusão vêm sendo discutida no Brasil e no mundo, e leis de acessibilidade, inclusão escolar, e direitos destes cidadãos são desenvolvidas. Como o ensino da música, e especificamente como o ensino de instrumento musical pode ficar de fora destas discussões de inclusão? Os professores de música precisam estar cientes dos desafios que o ensino contemporâneo nos traz, e a inclusão não fica de fora nestes novos parâmetros.

Como é possível ensinar música e um instrumento musical para um jovem que possui características e necessidades especiais?

As instituições e sistemas de ensino criam currículos e objetivos voltados à formação de um grupo com um todo, muitas vezes pensado para um único perfil de estudante, tornando assim um sistema excludente onde se privilegia uma minoria, onde a busca por resultados é mais almejada que o aprendizado e desenvolvimento do aluno. Neste sentido, os educadores e a sociedade precisam buscar desenvolver suas “deficiências” através de uma procura pelo maior conhecimento da música e da inclusão, e educar sem preconceitos abraçando a diversidade.

Os professores de música que se propõem a atuar na Educação Especial precisam buscar conhecimentos sobre as necessidades especiais dos alunos, estarem atentos ao que eles necessitam, e possuir uma prática reflexiva que os possibilitem rever e atualizar seus paradigmas de ensino possibilitando um ensino que esteja coerente com um ensino mais inclusivo.

Referências

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, n.5, p. 13-20, 2000.

_____. Educação musical na contemporaneidade. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 2., 2002, Goiania. Anais...Goiania: EMAC/UFG, 2002, p. 18-29.

BORDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Ed. 9. Campinas: Papirus, 2008.

JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. Revista do centro de educação, UFSM, v. 8, n.º2, p. 1-5, 2003.

LOURO, Viviane. Educação musical e deficiência: quebrando os preconceitos. 2005a. Disponível em: <https://musicaeinclusao.wordpress.com/>. Acesso em: 24 nov. 2009.

_____. Educação musical e o aluno com deficiência: discutindo a prática e propondo adaptações pedagógicas. 2005b. Disponível em: <https://musicaeinclusao.wordpress.com/>. Acesso em: 13 abr. 2017.

ORTIZ, Renato. Introdução: a procura de uma sociologia da prática. In: BORDIEU, Pierre. *Pierre Bordieu: sociologia*. São Paulo: ÁTICA, 1983, p. 7-36.

PEREIRA, Marcus Vinicius Medeiros. *Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo*. *Revista da ABEM*, Londrina, v.22, n.32, p. 90-103, jan/jul 2014.